



**DESPOLÍTICA: educação. DESPOÉTICA: artevírus. DESOBEDIÊNCIAS:  
processos criativos de arte *biogeográfica*. Educação, Arte, Cultura,  
Política e a COVID-19 em Tempo Pandêmicos**

**Marina Maura de Oliveira Noronha<sup>1</sup>, Nathalia Flores Soares<sup>2</sup> &  
Bárbara Artuzo Simabuco<sup>3</sup>**

**PARTE I – EDUCAÇÃO EM POLÍTICA CONTRA A TECNOCOLONIALIDADE E A ECONOMIA  
DA MORTE: consciência como re-existência docente**

Todos os seres humanos são iguais (afirma o capitalismo); mas, como há diferenças naturais entre eles, a igualdade entre os inferiores não pode coincidir com a igualdade entre os superiores (afirmam o colonialismo e o patriarcado). Este sentido comum é antigo e foi debatido por Aristóteles, mas só a partir do século XVII entrou na vida das pessoas comuns, primeiro na Europa e depois no resto do mundo.

SANTOS *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p.80.

---

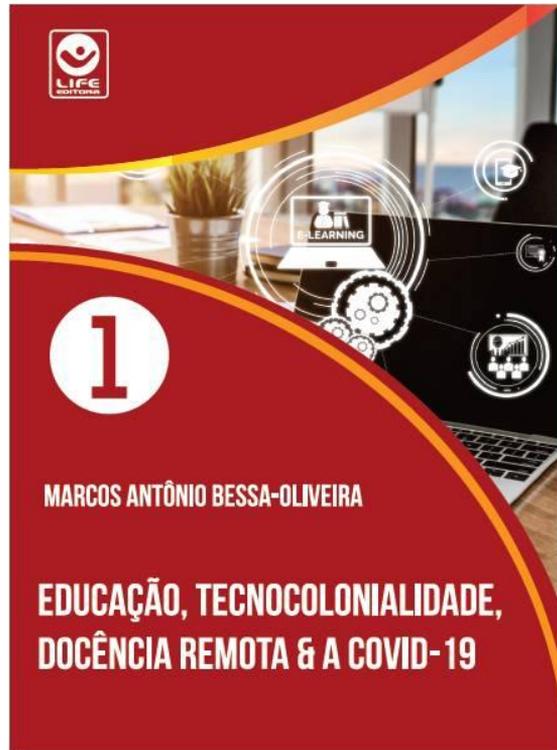
<sup>1</sup> Marina Maura de Oliveira Noronha é Doutoranda em Estudos de Linguagens com o projeto “Escrevo com o corpo: (inter)corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector” pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: [marina.m.noronha@gmail.com](mailto:marina.m.noronha@gmail.com).

<sup>2</sup> Nathalia Flores Soares é Mestranda em Estudos de Linguagens com o projeto “Heloisa Buarque de Hollanda: Uma leitura crítico biográfica fronteira” pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: [nathalia.f.soares@hotmail.com](mailto:nathalia.f.soares@hotmail.com).

<sup>3</sup> Bárbara Artuzo Simabuco é Mestranda em Estudos de Linguagens com o projeto “O direito epistêmico ao grito em a hora da estrela: Clarice Lispector uma intelectual da(s) lei(s)” pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: [bsimabuco@gmail.com](mailto:bsimabuco@gmail.com).

Este trabalho é uma homenagem a todas aquelas pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pela COVID-19. Especialmente, neste caso, das pessoas ligadas à Educação.

BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, s/p.



244

**FIGURA 1** – Capa do livro *Educação, Tecnocolonialidade, Docência remota & a COVID-19*.

**FONTE:** Acervo das Autoras.

A vigente resenha se debruça, em uma reflexão a partir da descolonialidade e da sensibilidade biográfica local, proposto por uma enunciação teórico-crítica de um pensamento *outro* epistêmico e fronteiro a obra está atravessada por *um projeto em investigação* de estudo experivenciado no corpo pelo autor *biogeográfico* – professor, artista e pesquisador Marcos Antônio Bessa-Oliveira e

que compõe o corpo docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. O autor no livro problematiza e provoca a nós estudantes, pesquisadores, professores e muitos outros a nos transportarmos para um pensamento *ético-político* a partir, não de uma reflexão centrada na ciência, mas em práticas, experiências e saberes<sup>4</sup> *outros* na Educação, e no que se refere ao enfrentamento pandêmico no Brasil.

A ideia é que repensemos este momento atual vivido por nós brasileiros com a chegada da à COVID-19 no país e que se configurou em modificações diversas no âmbito da política, da cultura, da literatura, das Artes, das relações sociais, da saúde e na educação com a presença da tecnologia não mais como recurso, mas como uma obrigatoriedade. Este último, tal qual conclama o autor sendo inquietações como a *imposição da tecnologia como uma tecnocolonialidade na vida contemporânea*, o ponto significativo do livro e que poderá ser compreendido no delongar da resenha com a incumbência de nós estudantes e pesquisadoras fronteiriças que teceremos para ao entendimento de que o autor vai chamar de *tecnocolonialidade*. Neste caso, tais discussões estão como áreas fundantes intitulado nesse 1º volume do autor “Educação, tecnocolonialidade, docência remota e a COVID-19” e que, por conseguinte, contemplará para esta resenha o 2º volume intitulado de “Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19” e por fim o 3º volume nomeado de “Arte *biogeográfica*, processos criativos & a COVID-19” nos três exemplares contendo a importância que parte do *bios* e do *lócus* geográfico de Bessa-Oliveira que propõe um pensamento *outro* uma discussão crítica, ética e política para/na atualidade brasileira (momento pandêmico).

Assim sendo, considerando a obra uma reflexão epistêmica fronteiriça pensada e sentida no corpo, Bessa-Oliveira atravessado por sua formação de base, não se deixa escapar no seu estudo investigativo discussões de atuações docentes também no campo das Artes, isto posto, não se fecha para outras linguagens que, são pensadas tanto para práticas artísticas, como a pesquisa é também pedagógica. Portanto, compreendamos que a obra aqui resenhada à luz desse projeto *ético-político* e de sensibilidade *biogeográfico* parte dos corpos dos envolvidos de nós brasileiros, partilhados nos três volumes tecido por Bessa-Oliveira. O primeiro já em articulação - Educação, tecnocolonidade Docência remota e a COVID-19 se

---

<sup>4</sup> NUNES. O resgate da epistemologia, p. 237.

divide em três subtítulos no 1º - “Educação em tempos de COVID-19: 2020 como o ano em que tive que me(nos) reinventar (Descolonialmente) como docente”. No 2º subtítulo “Políticas, colonialidades, tecnocolonialidade & Docência Remota. Já no 3º e último subtítulo do 1º volume “Trabalho Docente & Tecnocolonialidade em tempos de COVID-19.

Nesse ínterim, Bessa-Oliveira endossa que a situação pandêmica propôs mudanças em diversos espaços/lugares, além de abrir para um vasto caminho de investigação e estudo, isto aposto fica compreensível nos três volumes articulado e pensado pelo autor que parte de um saber/fazer/sentindo na pele, uma vez que, Bessa-Oliveira faz parte dos milhões de brasileiros em estado pandêmico, além de atuar como professor e coordenador de curso na Educação. Portanto o autor inicia o 1º volume com a imposição do trabalho remoto prestados aos docentes e discentes e outros envolvidos no presente cenário da Educação que de certa forma houve transformações mundialmente, mas sua investigação centra-se no Brasil.

Nessa direção, compreendemos o contexto da obra aqui supracitada por Bessa-Oliveira em que a ideia está ancorada em uma lógica epistêmica descolonial para argumentar acerca do trabalho docente, dirigente, administrativo e técnico, em relação ao momento de isolamento na Educação brasileira<sup>5</sup>. Contextos atuais vividos por diversos profissionais da Educação que teve suas áreas de atuações comprometidas com a suspensão das aulas presenciais decorrentes por esse momento pandêmico. Por isso, foi preciso *(nos)reinventarmos* como bem expõe Bessa-Oliveira as mudanças foram e ainda são necessárias. Além de nos conduzir a reflexão de que é preciso *(nos)reinventarmos* sobretudo na condição de sujeitos da fronteira que situa nas margens da diferença colonial, por isso a importância de pensarmos a partir do *bios* e do *lócus*, mais *consciência fronteira* de modo a nos valermos de um pensamento crítico *outro* diante das (i)regularidades impostas a nós pelo sistema capitalista e mercadológico que ainda impera no mundo e no pensamento pela diferença colonial, pensando na atual situação do país, além de pandêmico nos deparamos com a *(tecno)colonização*.

Diríamos que situado estamos, quando Bessa-Oliveira estabelece no livro uma teorização proferida a partir do pensamento fronteiro na/para educação e

---

<sup>5</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 13.

que foi pensada desde sempre. Diretamente o autor optou por uma *desobediência epistêmica* política uma opção de vida posta em prática por uma epistemologia fronteiriça. Portanto nessa direção o 1º capítulo – Educação em tempos de a COVID-19: 2020 como o ano em que tive, que me(nos)reinventar (Descolonialmente) o docente pontua os problemas institucionais “evidenciando o fato de que a partir do decreto de situação de risco de segurança sanitária”<sup>6</sup> sendo necessário isolamento social, tendo na suspensão das aulas presenciais um impacto significativo no trabalho docente.

O autor na sua condição docente de uma instituição pública insere dois pontos essenciais de suas reflexões – a situação de risco e o isolamento necessário, nesta direção recaem na ideia fundante do livro articulado e pensado pelo autor com o conceito de *tecnocolonialidade*, e que ilustra as *questões colocadas por meio institucional* com a problemática da tecnologia hoje no campo das instituições de ensino brasileiras e que Bessa-Oliveira discute amplamente nas obras como parte do seu projeto de estudo epistemológico experivivenciado pelo docente, artista e pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Posto o quadro pandêmico o risco e o isolamento necessário em que a tecnologia “tornou-se o aparato para a sobrevivência de docentes e discentes”<sup>7</sup>, informa Bessa-Oliveira numa questão de organização das ideias:

- 1) [A]s instituições administrativas da Educação brasileira em níveis Federal, Estadual e Municipal; 2) o impacto da pandemia em si na Educação que provoca o isolamento e, por conseguinte um trabalho docente e a ascensão discente aos recursos tecnológicos de uma ora para outra sem ser a tecnologia um recurso, mas uma obrigação; 3) a atuação política de governantes em relação à pandemia também em níveis administrativos hierárquicos brasileiros; [...] 4) as próprias facilidades e dificuldades que se apresentam e são apresentadas múltiplas e por diferentes aspectos (sociais, políticos, econômicos e culturais) – aos docentes e discentes; [...] 5) as questões que se colocaram ou foram colocadas por meio institucional, administrativo e através de demandas discentes<sup>8</sup>.

À luz dessa relação teórico-crítica aqui supracitado pela obra, inclui-se um panorama social conflituoso e divergente prestado pela citação acima, o

---

<sup>6</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 13.

<sup>7</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 13-14.

<sup>8</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 15.

intelectual como modo de re-pensar tais questões, organizou-se “por uma lógica de descolonização do pensamento (político) em relação à Educação em momento pandêmico”<sup>9</sup> e reverbera outros fatores pensando na atribulação mundial pandêmica. Mas leva-nos a re-pensarmos como sujeitos da diferença colonial para o entendimento à vontade sustentada pela massa do poder que ainda impera no imaginário cultural da sociedade, que não permite a todos o direito igualitário.

Nessa direção de discussão esboçada pelo autor e debruçada por nós estudantes, pesquisadoras e que já pensando como futuras docentes nós incluímos nessa problemática considerando como atuantes corpos nos espaços institucionais de ensino público contornamos com nossos corpos de divíduos (PESSANHA, 2018) também a essas mudanças, em que foi preciso nos (re)inventarmos enquanto estudantes e pesquisadoras fronteiriças diante as (im)posições governamentais atuais do país. Na assertiva dos fatos - Bessa-Oliveira pontua que “a começar pelo ministério da Educação que tem se mostrado, em tempos hodiernos, ilustração da verdadeira falta de controle do atual governo Federal brasileiro”<sup>10</sup> e considerando em tempos de COVID-19 momento pandêmico abalando todas “direções do sistema governamental adotado pelo Presidente da República Jair Bolsonaro”<sup>11</sup>. Em questão, por conta do isolamento, nesse sentido Bessa-Oliveira reitera:

Esse isolamento por certo, também não foi nem opção e menos ainda consciência da massiva população brasileira. Mas fato verdadeiro o é que, desde o dia 16 de março de 2020, para a Educação – em todos os níveis -, o isolamento é uma realidade que se tornou a cada dia passante difícil de vivenciá-la. Ainda que não seja é bom avisar, sinônimo de descanso e menos ainda falta dos já muitos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos para/por aqueles e aquelas que estão envolvidos com a educação: discentes e docentes especialmente, mas também dirigentes, técnicos até para as famílias dos estudantes<sup>12</sup>.

A presente obra resenhada no intento dessas investigações em que corrobora o isolamento diante da demasiada posição do “Presidente da República

---

<sup>9</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 15.

<sup>10</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 15-16.

<sup>11</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 16.

<sup>12</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 16.

certamente, em que optou por um “desisolamento” como tem nominado na França os políticos a retomada cautelosa das atividades econômicas do país depois dos enfrentamentos a COVID – 19”<sup>13</sup>. Mas como previsto, aqui em terras brasileiras, ou seja, nesse terreno insólito, contrariando *as intempéries do coronavírus* como bem coloca o autor, a ideia de *desisolar* fica aparente e defendido pelo Governo Federal brasileiro. E nós enquanto sujeitos da margem que vivemos na exterioridade do mundo, sem o comprimento do isolamento social, fica claro que seria lançarmos nossos corpos aos riscos como coloca Bessa-Oliveira diante da precariedade e falta de recursos que antecede desde sempre no país, ainda mais em tempo de *despolítica* (BESSA-OLIVEIRA, 2020). *Salve em alguns casos* e que podemos considerar pelo autor na obra “sorte nossa que no âmbito administrativo público dos Estados e municípios o isolamento têm entendimento correto, e, na medida do possível, foi amplamente defendido pela maioria dos governadores e prefeitos, e junto aos seus secretários de saúde”<sup>14</sup>.

Dando continuidade aos pontos essenciais do livro, apreendemos que o autor nas suas discussões contorna os corpos e os espaços dos envolvidos institucionais nesse momento pandêmico “entre docentes, estudantes, técnicos e dirigentes da Educação brasileira – nos diferentes níveis – em estado de isolamento social”<sup>15</sup> nos advertido para uma questão (im)posta mas necessária “em prol das saúde de milhões de envolvidos com a educação do país”<sup>16</sup>. Situações que acabaram interferindo em diferentes aspectos nos mais variantes espaços/lugares do Brasil como: na saúde, na política, na economia e na Educação afetando significativamente o ano letivo no ensino em que foi *preciso (nos) reinventarmos* em todos os sentidos e como experivivenciado por Bessa-Oliveira, o autor optou por uma prática epistêmica descolonial como uma opção de vida.

Queremos reforçar que o autor ressalta sobre as diferentes situações, que nos foram postas e impostas *camufladas* antes mesmo das questões aqui apresentadas, e por vias de entendimento o ponto crucial do estudo investigativo do autor estar ao firmar sobre o impacto da tecnologia consolidada pelo sistema do poder ao

---

<sup>13</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 17.

<sup>14</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 18.

<sup>15</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 19.

<sup>16</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 19.

colocarmos “frente a frente com uma tecnologia homicida em muitos casos”<sup>17</sup> nesse sentido Bessa-Oliveira argumenta a quem são destinado o acesso às tecnologias? Pois, “professores e estudantes enfrentam uma vilã para muitos e uma solução para vários: a própria tecnologia”<sup>18</sup>. Essas mudanças com o enfrentamento tecnológico no âmbito da Educação têm sido esforços ambos às partes, uma situação inusitada para professores, discentes e dirigentes em que foram todos pegos pela novidade de forma imposta a nós brasileiros e pensando na educação com a imposição dos trabalhos remotos e que justificam “por meio de ambientes virtuais impressos, por telecomunicação a fim de travar diálogos de conhecimentos em prol do fatídico conteúdo didático das diferentes disciplinas”<sup>19</sup> e que agora monitoradas por vias tecnológicas. Diante do contestável aponta o autor de que somos vítimas de uma *educação tecnologicida*, pelo fato de:

Uma tecnologia que tem demonstrado uma das barreiras quase intransponíveis entre Educação e isolamento social necessário. Primeiro porque estamos enfrentando problemas de diferentes naturezas em relação ao uso ou ao não-acesso às tecnologias dadas às circunstâncias, também diversas, de professores e estudantes: condição de domínio mínimo para o manuseio da tecnologia; condição mínima de aparelhagem tecnológica para acesso à tecnologia [...] ou “simplesmente” não terem permitido para si o “simples” direito de acessá-la<sup>20</sup>.

O trecho supracitado fala da importância de atentarmos a (im)posição da tecnologia como direito ou de uma tecnologicida que se impõe como dever<sup>21</sup> Na controversas dos fatos, na verdade invisibilizam nossos corpos da exterioridade pela nossa inacessibilidade isso mostra o descaso por parte do governo com os (des)acessados, afinal não temos uma internet de qualidade que atenda de forma satisfatória até a quem de certo modo tem acesso. Bessa-Oliveira é assertivo ao pontuar que ao invés de auxiliar, diferentemente, a tecnologia tem se mostrado um aparato contra a vida de professores, alunos, pais e outros envolvidos nesse

---

<sup>17</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 21.

<sup>18</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 21.

<sup>19</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 21-22.

<sup>20</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 26.

<sup>21</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 27.

momento pandêmico, uma questão que antecede há tempos na Educação brasileira.

O 2º capítulo do livro é intitulado “Políticas, colonialidades, tecnocolonialidade & Docência Remota”, destaca por meio de vários documentos o Governo de Estado de MS deliberou: 13 de março de 2020 – pelo fechamento das escolas, a partir da “NOTA INFORMATIVA N°01/2020 – COE/SES/MS” que trazia “Recomendações do Centro de Operações de Emergências de Mato Grosso do Sul”, e em consonância com as orientações da Sociedade Brasileira de Infectologia, representado pela Secretaria do Estado de Saúde<sup>22</sup>. Mas, uma posição que veio a ser mudado, com o posicionamento reforçado do Governo Federal ao opor sobre a questão do isolamento social por está ligado a economia do país e que, por conseguinte acabou ocasionando a saída prematura do então Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta por se posicionar em defesa do isolamento social, considerado desde o princípio a forma mais adequada para o combate a proliferação da doença.

Desse modo, o livro traz desde o início sobre a posição contrária por parte do Governo Federal, na pessoa do Presidente da República, que tem demonstrando na contramão das desorientações que eram dadas nas declarações do Presidente<sup>23</sup> em tempo pandêmico tem *decretado direitos e barrado leis* por meio de posições inversas por parte desse *desgoverno*, defendem a ampla circulação do vírus e que querem impedir o isolamento necessário das pessoas<sup>24</sup>. Portanto, isso se mantém com o aumento a cada dia de mortos pela doença a COVID-19. Considerando tal afirmativa já se passaram um ano e o Governo Federal permanece na mesma (im)posição - hoje 24/04/2021 continuamos desamparado sem *providências efetivas contra a proliferação que continua a se alastrar pelo Brasil afora*. Entretanto, reafirma o autor que esse tipo de posição se apropria daquilo que lhe é útil sem se preocupar em prezar pelas vidas. No prisma dessa investigação *ético-político* Bessa-Oliveira posiciona sobre a oposição:

Estado brasileiro tem se acercado, cada dia mais e de maneira pior, de um militarismo – que até pode ser preparado para a trincheira de guerra (esses

---

<sup>22</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 37.

<sup>23</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 38.

<sup>24</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 38.

militares federais que aí estão na sua grande maioria, nunca o vimos em combates – despreparado para gerir a saúde, a economia, a política, a educação (haja vista que o marinheiro naufragou), também a cultura, mas até mesmo a segurança pública<sup>25</sup>.

Logo, decorrente desses impactos sociais na política, na saúde e no caso da educação aposto, as instituições de ensino o autor concretiza que no mesmo 13 de março de 2020 a instituição UEMS da qual Bessa-Oliveira faz parte do corpo docente - como professor de Artes, a Reitoria publica a “Portaria UEMS N. 016” que dava a resolução de, entre outras coisas, no seu “Art. 1º Constituir Comitê Multidisciplinar de Ações de Urgências e Emergências em Saúde da Fundação (CAUES/UEMS)<sup>26</sup>. E ao passo disso e como esperado em relação ao Brasil, sem tomar as providências cabíveis, não ficou de fora e torna-se o lugar de maior progressão da proliferação da doença coronavírus (mais de 360 mil vidas perdidas). Bessa-Oliveira traz à tona, que *o primeiro caso do novo coronavírus no Brasil, foi em São Paulo, a confirmação veio no dia 26 de 2020, e se torna o primeiro caso da América Latina*. Em se tratando dessa questão houve e ainda há *disparidade* por partes governamentais para o enfrentamento da doença Coronavírus entre os discursos do *Governo Federal, prefeitos, reitores e dirigentes escolares* em relação ao isolamento social, sendo que alarmadas pela OMS como urgente e primeira medida desde a declaração de pandemia<sup>27</sup>. Nessa questão o autor esclarece:

Mas, longe de por ora serem críticas a alguém ou para algum órgão local, evidentemente que as datas ações estaduais, municipais e até mesmo institucionais demonstravam que, por vias documentais, esses órgãos tratavam com muita seriedade a situação pandêmica que se desenvolvia no mundo da sua chegada também em Mato Grosso do Sul<sup>28</sup>.

O autor abre um parêntese para falar da *disparidade* pela falta de assistência que até o momento é uma questão ainda não resolvida por parte dos discursos do Governo Federal, registra-se que na pessoa do Presidente da República, e os dos Governadores e prefeitos, Reitores e Dirigentes Escolares em relação aos

---

<sup>25</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 39.

<sup>26</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 39.

<sup>27</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 41.

<sup>28</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 42.

tratamentos que foram deixados de dar (pelo primeiro)<sup>29</sup> e por outros administradores e seus dirigentes se tratando da banalização das vidas que foram e que ainda estão sendo perdidas pela a COVID-19 no Brasil. O autor mostra seu descontentamento em relação as vidas perdidas e a preocupação com essa (des)ordem política no país, e deixa a entender que o ideal que fossem inquietações de todos afinal vidas importam, e dada a gravidade do problema assustadoramente, ninguém intervém ao desprezo, apressado e apressado em relação às mortes e as vidas, respectivamente, dos diferentes âmbitos governamentais e institucionais brasileiros<sup>30</sup>. Segundo Bessa-Oliveira essa (des)ordem política:

Esse cenário se desenhou no Brasil causado, claramente, por questões de ordens de (des)políticas e políticas, economias e vidas que “contaminaram” diferentes setores outros do País: a exemplo da Arte, da Educação, da Cultura, mas também das coisas que afetam aos corpos, às almas e claramente também aos diferentes fazeres culturais brasileiros que, de certo modo, envolvem tudo e a todos que estejam situados no plano geográfico brasileiro<sup>31</sup>.

O 3º e último capítulo ainda que breve, mas não menos consistente intitulado “Trabalho docente & tecnocolonialidade em tempos de COVID-19” o autor difunde-se para a importância de ter priorizado desde sempre um pensamento descolonial que nos permite pensar em termos do diversificado<sup>32</sup> extraído do corpo do intelectual sua opção é preza pelas vidas e pensadas para os espaços de ensino na condição professor de Artes de uma universidade da margem que situa por fora dos grandes centros. Sua prática epistêmica no âmbito acadêmico se deu em diversos espaços desde a elaboração de textos, aulas ministradas na graduação e na pós-graduação, nas orientações de trabalho de conclusão de curso, de Pesquisas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, nas orientações de Dissertação de Mestrado e as conversas<sup>33</sup> consideradas não menos importantes, mas produtivas com os discentes. Assim, essas orientações guiadas

253

---

<sup>29</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 42.

<sup>30</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 42.

<sup>31</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte, cultura, educação, COVID-19 & o pensamento Descolonial crítico biogeográfico fronteiro*, p. 05-06.

<sup>32</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 287.

<sup>33</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 79.

por uma opção descolonial de conviver com o outro o autor da fronteira-sul re-existe:

Pensar descolonialmente é acreditar, ainda que utopicamente – como pensam alguns ser a única pretensão do pensamento descolonial -, que há no ar uma novidade diferente para ver o mundo de uma lógica outra ainda “desse” mundo. Uma lógica que não é a comunista, como pensam os capitalistas. Menos ainda uma razão que seja a continuidade do atual capitalismo como impera no pensamento ideológico dos neoliberais capitalistas conservadores<sup>34</sup>.

O autor *biogeográfico* no livro assegura-nos que seu aporte teórico a partir do pensamento descolonial, com a epistemologia de fronteira e o pensamento de fronteira<sup>35</sup> vem sendo pensado desde 2006 e que se mantém como condição *sine qua non* para/nas suas produções e práticas epistêmicas realizadas no espaço de ensino como produções de arte, cultura e conhecimento. O docente vislumbra desde sempre a partir da sua prática epistêmica descolonial um pensamento *outro* para o espaço de ensino pensado por uma *Pluri-versidade* e não mais *Uni-versidade* brasileira atual, que restringe a convivência com as diferenças coloniais de sujeitos, lugares e corpos. O autor vem nós mostrar com este brilhante trabalho que o pensamento *outro ético-político* pode ser a saída por um mundo possível de lógica não-moderna, não comunista, não-capitalista e menos ainda neoliberal, por acreditar ainda na convivialidade entre pessoas<sup>36</sup>. O autor afirma que tem de haver mudanças e com a pandemia da COVID-19, com todas as desgraças que ela trouxe para a humanidade que sempre sofreu e sofre com as atitudes mal feitas por uma minoria veio também para mostrar e reforçar isso<sup>37</sup>. Re-existência a política da morte.

254

## **PARTE II – ARTEVÍRUS, ARTE DE DENTRO DE CASA E A COVID-19: “dedendicasa” a arte alcança o mundo**

---

<sup>34</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 79.

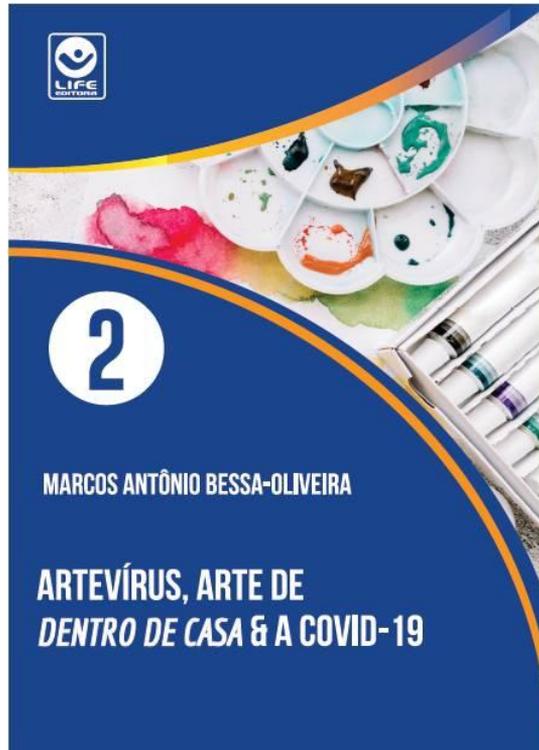
<sup>35</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 304.

<sup>36</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 80.

<sup>37</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Educação, tecnocolonialidade, docência remota & a COVID-19*, p. 80.

[...] há uma sensibilidade biogeográfica no ar [...], com toda essa situação de COVID19, que faz do fazerantes cotidiano um fazer artístico brasileiro ativo,não mais alternativo, que tem salvado vidas e desqualificadolimites.

BESSA-OLIVEIRA, *Artevírus, arte dentro de casa e a COVID-19*, p. 96.



**FIGURA 2** – Capa do livro *Artevírus, Arte de Dentro de Casa & a COVID-19*.

**FONTE:** Acervo das Autoras.

Em *Artevírus, arte dentro de casa e a COVID-19*, livro publicado pela editora Life em 2020, dividido em três capítulos, Marcos Antônio Bessa-Oliveira inicia suas considerações com o capítulo “Arte didencasa é didencasa! né dacadesoto não! produções artísticas em tempos de covid-19”. Nesse sentido, o escritor convoca, desde a introdução, o “mineirês”, parte de seu *bios*, para sua

proposta de pensar como a COVID-19 se relaciona com as artes “dendacasadele”, ou, nas palavras do professor, discutir:

[...] a partir de um pensamento descolonial (estético e filosófico outros) de artes, espaços, suportes, “identidades”, julgamentos, localidades, globalidades, políticas e, por conseguinte, colonialismos e colonialidades para pesquisar, produzir e ensinar Arte, para ressaltar daí um fazer outro artístico que se ancore no ser, no sentir, no saber para poder fazer artes biogeográficas ao invés de obras de arte tradicionais.<sup>38</sup>

Bessa-Oliveira (2020, p 13) nos traz o Brasil como lócus de *plurivarsalidade*, conceito de Walter Mignolo (2017), ao invés de universalidade, ante as suas características artísticas e culturais incomparáveis presentes em seu território continental. Outra característica plural no país é a língua a qual o professor utiliza “[...] para ilustrar por meio de uma “metáfora” a pandemia pela COVID-19 que não se deu por um convite nem por brincadeiras, mas é a doença que sedá impositivamente, para pensar na arte nesses tempos agora”.<sup>39</sup>

No contexto pandêmico que assola o país, as especificidades de cada lugar, seja cidade, bairro ou rua, “[...] demandariam práticas de pesquisa, de produção e de ensino de Arte de abordagens outras”<sup>40</sup>, nesse sentido, a produção intelectual deve advir de nossa *exterioridade*, posto que “[...] pesquisar, produzir e ensinar Arte por meio de uma arte internacional, no Brasil, é reforçar um distanciamento corrompido agora única e exclusivamente pelo novo coronavírus”<sup>41</sup>, esclarece, lucidamente, o professor.

As consequências sócio-políticas do isolamento vivenciado pela população é igualmente explorado por Bessa-Oliveira. Nesse sentido, ele destaca a instauração de uma *ordem geográfica outra* (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 16), uma crise na qual, cruelmente, decide-se entre a preservação de vidas ou a preservação da economia. Ele menciona, ainda, as mudanças provocadas nas diversas rotinas do país: para alguns, “home office” – em alguns casos significando estar disponível para o trabalho 24 horas por dia –, para a maioria a adoção de medidas sanitárias, como a higienização das mãos com álcool em gel,

---

<sup>38</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 7.

<sup>39</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 14.

<sup>40</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 15.

<sup>41</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 15.

utilizar máscaras, dentre outras e a mudança nos espaços de arte, antes locais de aglomeração (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 18).

No cenário de desconforto e dúvidas causado pelo vírus, pós-pandemia nos é posto como questão: “[...] e a Arte (o que é/será) pós-pandemia? Fica a questão que se colocará, já que não temos respostas concretas ainda, a ser pensada”.<sup>42</sup> A arte feita “denticada”, de forma isolada, é vista como pluriversalidade pelo professor, pautada nas histórias locais de seus produtores:

[...] contempla uma pluriversalidade; falamos de uma arte que se ex-põe em lugares antes desconsiderados expositivos, didencasa, já que a arte era posta para fora de todas as casas a fim de buscar o mundo; falamos também de uma arte que não está pré-ocupada com a história universal – ainda que estejamos falando de uma arte pandêmica –, mas que está muito mais vinculada às histórias locais, quase individuais, porque são histórias agora, mais que nunca, didencasa[...].<sup>43</sup>

Bessa-Oliveira (2020, p. 20) propões, ante esse contexto, a revisitação do que se conhece por arte contemporânea bem como a revisitação dos modelos e do que é considerado arte. Além disso, o professor chama a atenção para os corpos na pandemia, sejam “[...]mortosem individualidades/isolados em conjunto nos hospitais [...]”<sup>44</sup>, sendo estes corpos *dispensáveis* e, ao mesmo tempo, resistentes à morte, são humanitas sobrevivendo em um mundo ao qual o antropos impõe seu poder e sua lógica aos habitantes da exterioridade (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 20-21):

[...] Afinal, matar por uma “política econômica da morte” (BESSA-OLIVEIRA, 2020a) não tem nada a ver com políticas de salvar vidas para corpos mortos. Mas, em contrapartida, salvar vidas descartáveis – “vidas negras importam” – não é ato humanitas, é reconhecer-se antropos (MIGNOLO, 2017).<sup>45</sup>

Para o professor, em sua lógica, nada retornará a situação pré-pandêmica, ao tido como “normal” antes da COVID-19: [...] “Agora, na minha lógica, o que muda é que nada maisvai ser normal como dantes. E não somente na arte!Do

---

<sup>42</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 19.

<sup>43</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 20.

<sup>44</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 21.

<sup>45</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 22.

mesmo modo, nenhuma coisa, nada deve voltara ser o normal antigo”.<sup>46</sup> As vida, pontua Bessa-Oliveira (2020, p. 25), não foram perdidas para que a mesmice se perpetue. Para ele:

[...] Do contrário, um conceito restrito de arte, de cultura ou de produção de conhecimentos, limitados nas unilateralidades particulares de despolíticas atuais, no mínimo, tomados por qualquer um vão demonstrar a bestialidade/ignorância de quem achou que a pandemia pela COVID-19 era apenas uma “gripezinha” ou um “resfriadozinho” ou mesmo para quem pensou que o vírus tem ideologia política comunista.<sup>47</sup>

Assim, lucidamente, o professor destaca a desinformação de pessoas que minimizam a gravidade da pandemia. A arte surge como forma de ilustração, como meio de transformação social, política, econômica e cultural, dando destaque “[...] às colonialidades e fronteiras emergentes dentro dos próprios territórios queas estabeleceram para o “resto” do Ocidente.<sup>48</sup> A COVID-19 provocou a mudança do suporte, dos cenários, da construção e – conforme mencionamos – dos critérios de julgamentos das artes, alterando os espaços tradicionais de exposição para lugares outros (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 27).

Bessa-Oliveira (2020, p. 27) leva em consideração a pluriversalidade do Brasil, porém, sem o intuito de generalizar, se valhe de partes, de exemplos, que contemplam o país de forma unificada em sua discussão, pontuando que pensa sobre tais histórias locais pela perspectiva descolonial e se pautando em “[...] uma reflexão epistemológica que emergeda fronteira, mais precisamente por meio de umareflexão da ‘crítica biogeográfica fronteira’”.<sup>49</sup> Sob esse prisma, a metáfora elaborada com a fala mineira cumpre o desejo do professor em ilustrar a lógica da produção “dendecasa”: “[...] Nesse sentido, portanto, a lógicade produzir “de dentro de casa”, mostrada por meioda metáfora da fala mineira, ilustra também e muitobem que a discussão aqui tem cunho fronteiroço descolonialenquanto lócus de enunciação”.<sup>50</sup>

---

<sup>46</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 24.

<sup>47</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 25.

<sup>48</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 26.

<sup>49</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 28.

<sup>50</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 29.

O professor destaca a perda de ontologias, interrompidas pelas mortes causadas pelo vírus, bem como a desconsideração de histórias, corpos, memórias e locais excluídos pela lógica do pensamento elaborados “dendicasa” ou fora de casa, sob risco de morte (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 29-30). Ante a exclusão de tais pensamentos não contemplados pela razão moderna e ocidental, o professor pensa a arte a partir da fronteira:

[...] A fronteira inscreve-se aqui, por conseguinte, e escrevo a partir dela por vias de um lugar de falae de produção de arte, por exemplo, mas enquanto cultura que também coloca em evidência seu conhecimento, ambos não contemplados pela razão modernade mundo ocidental.<sup>51</sup>

O leitor também é alertado para o fato da COVID-19 não efetuar diferenciações entre corpos ou lugares, assim, incabível uma razão que se queira universal: “[...] Uma razão unilateral que se coloca também contrariando, portanto, a lógica de pandemia que não escolhe corpo ou lugar[...].<sup>52</sup> A fronteira, para Bessa-Oliveira (2020, p. 31) é o local epistemológico propício para o emergir dos saberes, contemplando não apenas o saber, mas também o fazer e sentir dos corpos de acordo com seu tempo e espaço. Tal padrão hegemônico, nos lembra, pertinentemente, o professor, é responsável por estabelecer diferenças:

[...] é um padrão que descarta as identidades estabelecidas em diferenças de gênero, raça e classe, mas também de fé, línguas e conhecimento toda ciência: mulheres, gays, trans, pobres, lésbicas, umbandistas, candomblecistas, saberes populares, entre outros, mas também os conceitos de arte, artesanato, de cultura, de popular e de produção desconhecimentos, de lugar, de julgamentos, de padronização e afins que não são euro-estadunidense. Assim, portanto, a fronteira epistemológica biogeográfica como crítica descolonial é o lado oposto à noção de margem (arte) (dendicasa) da modernidade.<sup>53</sup>

A fronteira, pontua Bessa-Oliveira, “[...] faz emergir/erigir conhecimentos que são de condição/situação fronteiriça (da casa do soto) para o Mesmo (ocidental europeu) que quer tudo dentro da casa do seu padrão”<sup>54</sup>. Nesse contexto onde corpos fronteiriços são excluídos e mortos pelo vírus, o professor questiona

---

<sup>51</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 30.

<sup>52</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 31.

<sup>53</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 32.

<sup>54</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 32.

quais ações devem ver tomadas uma vez “[...] que se pensar por meio desse corpo que está na fronteira até mesma arte?”.<sup>55</sup> O caminho segue no sentido da não homogeneização das artes, de uma ARTECOVI-19 colorida, diversificada, uma vez que as máscaras fecham as bocas, impedindo, ainda mais, a fala de quem sofre (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 33).

No tocante aos corpos, Bessa-Oliveira (2020, p. 35-36) cita não apenas os corpos mortos na pandemia, mas a experiência de seu corpo, sua “experivência” ao tratar das questões relacionadas a arte em meio a pandemia. O *biolócus*, termo de Edgar Cézár Nolasco (2015), faz-se presente, ante ao reconhecimento das diversas “[...] filosofias, geografias, pedagogias, histórias, entre muitos outros plurais que deveriam ser compreendidos – pela lógica pluriversal descolonial [...] – para entendermos o mundo das diferenças diferente”.<sup>56</sup>

A pluriversalidade dos corpos “didencasa” é reconhecida pelo professor, em especial os corpos da exterioridade, fora da lógica lógica estabelecida como padrão, “[...] os corpos que foram obrigados aficar hoje dencasa, em muitos casos evidentes e em outros mais omissos ainda, mulheres, gays, lésbicas, transgêneros [...] corpos desempregados [...]”<sup>57</sup>. Tais corpos, nos lembra o professor, são mortos onde se esperam protegidos, como, por exemplo, “dencasa”. (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 39-40)

Em “A vida (não) (tem) passado! mas (não) (haverá) o futuro?”, destaca ser, o Brasil, um local, geograficamente falando, diverso de todos os outros no tocante a COVID-19 (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 41). O professor mantém a esperança de que as coisas serão melhor no futuro, todavia, alerta para a necessidade de encarar a pandemia, não apenas dentro de cada residência, mas politicamente falando (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 42).

O professor relaciona a expansão, poeticamente chamada de performance, no texto, da doença no país a desenvoltura do poder público e da sociedade (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 42). Nesse sentido, as ações das pessoas passam a ser as controladoras da ação do vírus: “[...] a performance do vírus perde o

---

<sup>55</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 33.

<sup>56</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 38.

<sup>57</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 39.

“autocontrole” e passa a ser controlada pelas performances das pessoas dentro de casa que passam a controlar a performance daquele vírus fora de nossas casas”.<sup>58</sup>

Bessa-Oliveira (2020, p. 43) menciona a ausência de sintonia entre o Governo Federal, Governos Estaduais e Prefeituras como fator agravante da performance do vírus. Nesse sentido, o contraste entre as muitas vidas perdidas e o desejo de preservar a economia, pelo Governo Federal, são destacados, todavia “[...] muitas vidas continuam morrendo, comou sem trabalho, abatidas pelo progresso performático da COVID-19”.<sup>59</sup> Em outras palavras, perderam-se as vidas e a situação econômica do país sofre, sendo presente a fome “dentro de casa” dos brasileiros.

A performance biográfica do vírus também é mencionada: o vírus se espalha, independentemente dos corpos pertencerem ou não aos grupos de risco (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 45). Ela atravessa fronteiras físicas, que vão desde Wuhan (cidade alocada na República Popular da China) até Dourados (cidade situada no interior do Mato Grosso do Sul – Brasil). Tal deslocamento é posto como o fracasso das fronteiras físicas enquanto forma de separação entre seres humanos (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 46-47).

Embora o vírus não respeite barreiras impostas, o brasileiro tem seu modo único de lidar com a COVID-19, nas palavras do professor: “[...] a pandemia no Brasil tem mostrado que o brasileiro, como sempre, vai do sagrado ao profano, da desgraça à salvação, da rua para dentro de casa, com as mesmas disponibilidades [...]”.<sup>60</sup> Dentro de casa, o corpo do brasileiro faz arte, reza, dança, sobrevive (BESSA-OLIVEIRA, p. 49-50). Essa arte não é vista pelo professor como forma de exorcizar os milhares de corpos mortos pelo vírus, mas como forma de continuação das histórias desses corpos (BESSA-OLIVEIRA, p. 59). E para o exercício dessa arte, valem as mídias sociais, a troca de *experivivências intelectuais* por meio de posts na web (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 60).

A produção artística do brasileiro em plena pandemia é vista como exercício de liberdade, forma de se desvencilhar das formas hegemônicas de opressão. Nas

---

<sup>58</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 43.

<sup>59</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 44.

<sup>60</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 50.

palavras de Bessa-Oliveira: “[...]produção artística pandêmica,de certo modo, é também um ato de liberdade/libertinagem do brasileiro que agora está podendoproduzir livre da condição de produção impostapelos padrões eurocêntricos moderno e estadunidensespós-moderno”.<sup>61</sup> Citando Walter Mignolo, Bessa-Oliveira (2020, p. 68) destaca que a produção artística do país ocupava, costumeiramente o lugar de *anthropos*<sup>62</sup>, o outro, o que não era *humanitas*<sup>63</sup> (aqueles que se pretendem detentores dos saberes), sendo assim, desprezados por não seguirem o padrão. Nesse contexto, a pandemia fez com que os corpos outros, o antropos, reforçassem seu lugar de existência na existência. De acordo com o professor:

[...] Mas a pandemiaveio mostrar e reforçar que corpos outros existemna inexistência, que são corpos que importam e quetêm fome, mas são corpos em condição pior do quea dos diferentes corpos latinos brasileiros ainda quejá mortos e dos ainda vivos, esses são os corpos quesupostamente se “encaixam” ou não naqueles padrões,aqueles que sofrem mais ainda porque sequerum dia tiveram políticas em prol de si: logo, serão ospróximos corpos-mortos.<sup>64</sup>

Tais corpos têm a favor de si, de acordo com Bessa-Oliveira, o pensar descolonial, como meio de que sua invisibilidade seja visível, em especial quando invisibilizados pelo Estado-nação que deveria protege-los: “[...] pensar descolonialmente tambémse torna a única possibilidade para reconhecer os corposinvisíveis da sociedade brasileira, por exemplo, masinvisibilizados nas/pelas as políticas do Estado-nação”.<sup>65</sup> Nesse contexto de vida e morte “[...] a afirmativa “‘A VIDA (NÃO) (TEM) PASSADO!’e a pergunta ‘MAS (NÃO) (HAVERÁ) OFUTURO?’, intitulado esta parte da reflexão, são totalmente sintomáticas da situação/condição quenos coloca a pandemia”.<sup>66</sup>Recebemos um alerta: se as políticas publicas desconsideram os corpos mortos, é melhor ficarmos

---

<sup>61</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 65.

<sup>62</sup>Cf. *Habitar lafrontera* (2015), de Walter Mignolo.

<sup>63</sup>Cf. *Habitar lafrontera* (2015), de Walter Mignolo.

<sup>64</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 80.

<sup>65</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 81.

<sup>66</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 86.

“dendicasa”, fazendo arte ou não a fim de garantirmos um futuro para além da pandemia. (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 88)

Em “A natureza performativa do-vírus e da-arte na natureza”, Bessa-Oliveira (2020, p. 89) instiga o leitor propondo ser a situação pandemia a natureza *re-voltando-se* contra o homem – e havemos de concordar que tal revolta não seria injustificada: “[...] Queimadas, desmatamentos, poluiçõesde diferentes formas, superaquecimento doplaneta, assassinatos em massa de povos originários etambém da fauna e da flora [...]”<sup>67</sup> ao redor do mundo são exemplos trazidos pelo professor. Somos alertados para nossa situação desfavorável seja no meio ambiente, na econômica, na saúde, na cultura e na segurança pública. As decisões do governo favorecem a morte, e o “[...]desgoverno é o exemplo clássico da velhapolítica que acredita em centralizações de poderpor classificações sociais”.<sup>68</sup>

Em meio à ações de governo em sentido contrário às leis institucionalizadas – que garantem a vida e a saúde, por exemplo – são tomadas decisões voltadas para a manutenção do colonialismo e da colonialidade das artes e do pensamento (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 94), bem como de concepções tradicionais de “homem” e de “arte”, sendo “[...] toda essa situação de COVID-19, que faz do fazerantes cotidiano um fazer artístico brasileiro ativo,não mais alternativo, que tem salvado vidas e desqualificadolimites”.<sup>69</sup>

O professor nos alerta ainda, além da delimitação dos espaços (dentro e fora), mas também limita-se quem produz ou não arte, cultura, conhecimento e sentimentos, nos alerta o professor (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 97). Aqueles corpos já excluídos, sentiram ainda mais, em suas peles, as lógicas antropocêntricas em seu desfavor, todavia, não deixa de efetuar sua produção de artes e saberes: “[...] aquele que sempre sofreua impossibilidade de ser, de sentir, de ter e de pensarpara poder fazer, de agora em diante [...]poderá sê-lo mesmo que

---

<sup>67</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 90.

<sup>68</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 93.

<sup>69</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 95-96.

divisado pelas lógicas antropocêntricas de percepção de arte, de mundo e de Natureza”.<sup>70</sup>

Bessa-Oliveira (2020, p. 98) nos ensina, ainda, que o “dendicasa”, a exterioridade, passa a ser o mesmo que “dacasadosoto”, a interioridade, agora [...]na atualidade da convivialidadedas diferenças como semelhanças”.<sup>71</sup> Dessa forma, por meio de seu “mineiros” e sensibilidade, o professor nos chama a atenção para o potencial da arte, para a forma como a arte feita na exterioridade, “dedendicasa”, nesse momento pandêmico, de isolamento, é capaz de invadir a “casadosoto”, seja ela a casa do vizinho ou da interioridade, levando o som das vozes isoladas para além das fronteiras físicas, desqualificando fronteiras, conforme texto em epígrafe, de modo a serem ouvidas pelo mundo.

### **PARTE III - ANAGRAMAS DA MORTE, PROCESSOS CRIATIVOS E A CURA DOS SUJEITOS DA EXTERIORIDADE: arte como re-existência pandêmica**

“o cotidiano da vida vivida sob Bolsonaro azucrinas mais a vida da gente que o passado. Quanto ao futuro da nação, ele só a Deus pertence. País do futuro — profetizou Stefan Zweig na cidade de Petrópolis, antes do suicídio com soporíferos. Enganara-se ele, o Brasil é o país do pretérito imperfeito.”

SANTIAGO. Nó nós. p. 171

“o meu tempo é bem maior que sete dias e não é divino, segundo porque prefiro, se tivesse que fazer opção, ao profano que é subversivo por natureza, em todos os sentidos, ainda que também (a sua natureza) impositiva.”

BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 68.

264

---

<sup>70</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 97.

<sup>71</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*, p. 98.



**FIGURA 3** – Capa do livro *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a COVID-19*.

**FONTE:** Acervo das Autoras.

As passagens acima ilustram ao seu modo a discussão que quero propor em volta do livro **Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19** do professor sul-fronteiriço Marcos Bessa-oliveira. Vivemos em um cenário desolador diga se de passagem, a pandemia se instauro em nosso convivo social e vêm nos privando de nossas liberdades individuais. Como se não bastasse a conjuntura atual, como nas palavras de Silviano ainda temos que lidar com o (des)governo federal, o Brasil mais do que nunca agora se torna o que Santiago chamou do país do pretérito imperfeito. Não sabemos oque o dia de amanhã nos reserva e o tempo que nos resta é contato entre as quatro paredes de nossas casas/trabalho.

É nesse sentido que o livro de Bessa-Oliveira se faz como iluminações deste pretérito imperfeito brasileiro, como exposto no excerto acima, a opção que o artista faz é subversiva, porque na atual natureza que vivemos qualquer tipo de criação artística é como uma esperança que se projeta em direção da re-existência de nossos corpos que sul fronteiriços que vêm sendo ceifados pela covid-19. Na extensa quarentena que vivemos, nosso tempo é muito maior do que sete dias, misturam-se as horas, misturam-se as semanas e o meses. Assim como dito pelo artista, o tempo que vivemos agora com certeza não é divino, mas ainda assim continuamos tecendo nossa rede de relações ciberneticamente afetivas e nossas teorizações que estão sempre mirando o sul global.

Dito isso, passo para a fantástica pesquisa que Marcos Bessa-Oliveira teve a sensibilidade de redigir mesmo em contextos adversamente difíceis, para compreendermos o que motivou o autor a delinear tal teorização, vale destacar o caráter rotulador que a arte foi construída no imaginário colonial, Marcos nos fala em sua obra dos estereótipos relegados a grande e humanística arte ocidental, a arte feita pelos homens brancos, burgueses europeus, os hegemônicos. A arte que há muito conhecemos foi pensada para corpos que não os nossos, nossos corpos mestiços, fronteiriços, ficaram alocados no fora da interioridade moderna detentora de toda a arte. É a partir desse pensamento da exterioridade que o autor escreve o terceiro volume de sua teorização.

Há muito sabemos que o artista resiste e se reinventa em seus processos criativos, a obra que estou me referindo aqui é mais uma das várias sensibilidades locais e artísticas que foram desenhadas em meio ao mais adverso contexto de nossas vidas, o Brasil em plena pandemia do novo corona vírus. Ao longo da leitura da obra de Bessa-Oliveira, vemos que sua principal preocupação gira em torno dos processos artísticos produzidos a partir de um lócus específico, a fronteira que habitamos, para tanto, o autor demarca a opção descolonial como modo não só de produzir arte, mas como uma opção de vida que irá permear toda a sua teorização crítica sobre a expressão artística sensível deste chão latino.

A teorização proposta pelo artista se pauta no que ele chama de *perspectiva de arte biogeográfica*<sup>72</sup>, a qual presa pelo sujeito, pelo espaço e pelas narrativas locais que diferem das estereotipadas pela grande hegemonia ocidental imperante

---

<sup>72</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 9

nas artes. O fato é que ao fazer isto, o professor evidencia os processos de criação artística que são alocados no sul global, do lado da linha em que vivemos. Todas as imagens, teorizações e informações evocadas na obra contribuem para a criação de paisagens biogeográficas descoloniais, específicas de quem sente, sofre e pensa na fronteira.

A teorização que se segue em todos os capítulos é magistralmente fundamentada em uma opção descolonial, que preza pelas vidas dos artistas que estão produzindo os mais diversos tipos de arte e teorizações em contextos pandêmicos. No capítulo intitulado “

COVID-19 = CONVITE = CONVIDE COMO ANAGRAMAS DE CADÁVERES! PROCESSOS CRIATIVOS ARTÍSTICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA” vemos a preocupação do autor em mais um vez deixar clara a proposta de sua teorização, Marcos começa nos apresentado um panorama geral do contexto social, com informações na taxa de mortalidade, bem como os pareceres da OMS em relação a covid no Brasil.

A perspicácia em se pensar no anagrama presente no título do capítulo, vai muito além de um mero jogo de palavras, vemos a instauração da política da morte no país, o convite que Bessa expõe em muito enfatiza isso, somos diariamente convidados pela morte, a morte nos espreita e não sabemos mais quanto tempo ainda viveremos nestre pretérito imperfeito. Acerca disto o autor pondera que:

Assim, COVID-19 = a CONVITE = a CONVIDE, relacionando-os a processos criativos e à pandemia, bem como com a situação/postura dos governantes desses países em que a COVID-19 tem matado mais, são também um anagrama de CADÁVERES. Pois, um convite para a morte é divulgado e exaltado o tempo todo e me parece que é possível perceber que, em determinadas situações atualmente as coisas têm se colocado a contragosto das pessoas, especialmente porque a cada dia têm morrido mais gente.<sup>73</sup>

Como ilustrado na citação, não só vemos um anagrama para as várias vidas ceifadas, mas vivemos isso, sentimento na pele. O desgoverno toma conta da “proteção” de nossas vidas, como afirma Bessa, contudo, o que menos se preservam são as vidas de fato, a lógica global impera hoje mais que nunca em

---

<sup>73</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 22

nosso país, fazendo com que as medidas de segurança não sejam tomadas adequadamente em prol da economia do país. E como continuar re-existindo e produzindo arte neste país colossal? O livro de Marcos Bessa-Oliveira se constrói como uma resposta a essa indagação. Podemos observar que o artista está produzindo, não só o autor do livro, mas vários outros professores, artistas e pesquisadores que se encontram em isolamento produzindo as mais diversas teorizações.

Vemos que em tempos como esses, os próprios memes se constroem enquanto arte sensível, apesar de muitas vezes o humor se fazer ausente em nosso cotidiano. Marcos nos mostra que hoje, mais do que antes, contamos com as tecnologias como modo de realizar nossos processos criativos. Até porque estamos isolados, mas não é por isso que não iremos produzir arte, o autor afirma:

Nesse sentido, uma pergunta que fica já no ar é: o isolamento é totalmente de todo um ato de isolar-se? Explico: à medida que tomar do isolamento pandêmico como um momento de produção e construção de processos de criações artísticas, evidentemente esse vai contra toda a velha ideia clássica/moderna de isolar-se para produzir!<sup>74</sup>

Ao final do capítulo, o autor nos apresenta está lógica, a qual se faz muito pertinente para nosso ponto de vista teórico fronteiriço, estamos isolados em nossas casa defronte aos nossos computadores, contudo, continuamos produzindo arte e pesquisa das mais vastas maneiras, nos afastamos do estereótipo artístico imperante, do artista isolado, nosso isolamento é em prol de vidas, como exposto não estamos alheios ao mundo, decidimos nos isolar para preservação de nossas próprias vidas e de outros sujeitos. Bessa-Oliveira afirma que o tempo de fazer arte é agora, uma arte biogeográfica, pautada em nossas histórias locais, superando o padrão moderno e afirmando de uma vez por toda a opção descolonial e o fazer comunal.

Já no segundo capítulo do livro, vemos a execução de fato dos processos criativos que moldam o eu fronteiriço do professor. No começo da segunda parte do livro, nos deparamos com a problematização que gira em torno da denominação e contagem do tempo, bem como do controle que os europeus fizeram sobre esse. A problemática agora é que já não nos enquadrados na lógica

---

<sup>74</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 55

temporal moderna, ao instaura-se a pandemia, vemos que o controle do tempo é inteiramente responsabilidade nossa. Bessa então faz outra escolha, deseja subverter a lógica temporal imposta pelos modernos, bem como todo o processo artístico implicado nela. A arte produzida, pensada e teorizada por Marcos assume o risco de assentar na lógica profana, na lógica da diferença, porque é nela que sua arte ganha e se constrói enquanto fazer inédito da razão subalterna.

Observando para além das entrelinhas no texto, podemos ver que o processo artístico realizado por Marcos no interim de suas teorização, se trata do que outrora Walter Mignolo chamou de desobediência epistêmica, de fato, o artista/escritor/escrivente nos mostra toda sua *identidade em política*, para ilustrar tal conceito, cito Mignolo:

a identidade **em** política é crucial para a opção descolonial, uma vez que, sem a construção de teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis; e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais[...] pode não ser possível desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista.<sup>75</sup>

E por que trago à baila a citação de Mignolo? Porque ao ler a obra de Bessa-Oliveira, vejo não só o caráter artístico de seus processos criativos, mas também vejo ilustrada a opção descolonial e sua identidade em política, ao refazer o processo da arte indo na contramão dos estereótipos dominantes, o autor ressalta sua desobediência epistêmica, por meio de sua arte, a qual está para a exterioridade dos saberes, para além do modelo artístico europeu, contra os ditames modernos imperantes na arte. Como ele mesmo afirmou:

as discussões aqui estão e estarão circunstanciadas por narrativas de lugares em que o corpo biográfico de quem construiu, constrói e construirá os fazeres artísticos, de agora em diante, é o ponto de partida fundamental para a produção de imagens que são paisagens biogeográficas<sup>76</sup>

O corpo é alvo de destaque na discussão do autor, haja vista que por muito tempo nosso corpo foi radicalizado e estereotipado pelos saberes hegemônicos, ao afirmar que o corpo e as sensibilidades locais são o ponto de partida fundamental

---

<sup>75</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>76</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 96

de sua teorização, Marcos desobedece novamente a lógica cartesiana responsável por anular os corpos da exterioridade. E é nesse sentido que o capítulo três irá tratar da importância do corpo enquanto organismo vivo e produtor de arte. A terceira parte intitulada “O CORPO É A BASE DE TODO P(ECADO)ROCESSO!” vemos mais uma vez o autor jogar discursivamente com as palavras, desta vez em relação a nosso corpo, barbarizado e subjulgado como sem valor pelos grandes imperialistas.

Marcos assume o lugar do corpo como condição *sinequa non* para a criação artística em tempos pandêmicos, como ele mesmo nos expõe, o corpo assume seu lugar enquanto instrumento de criação artística. Como nos expõe o autor:

sendo esses sagrados ou profanos, processos do bem ou do mal, bom ou ruim, processados por meio da vida ou da morte, dê-se no corpo ou na alma, e até dos céus ou da Terra, já que o inferno (também na lógica construída no Ocidente pela fé católico-cristã) o é aqui mesmo<sup>77</sup>

Endossando as palavras do autor, também creio que o inferno seja aqui, em meio ao caos instaurado na saúde pública, contudo, nosso papel de pesquisador nos obriga a resistir. E é nesse sentido que nosso corpo é mais que importante para a teorização de Marcos, na conjuntura que se alastra, estamos em uma constante luta para manter nossos corpos com vida. E a arte também é a expressão da vida e do corpo, no capítulo de número três, o autor nos elucidava isso mostrando as várias artes que têm sido produzidas na diferença e se constroem como paisagens biogeográficas.

O autor afirma que “Um processo criativo biogeográfico vai priorizar – falo em um porque são vários –, antes de tudo, certamente, o corpo do artista e o corpo da vida desse artista.”<sup>78</sup> . É exatamente o que o autor realiza, mostrando para seu leitor as mais variadas artes que vêm sendo produzidas no contexto em que vivemos. Alocadas no fora da interioridade moderna, nas vivências do artista, como o que o autor chama de *corpo-obra*<sup>79</sup>. Até porque escrevemos com o corpo, pensamos com o corpo, sentimos pelo corpo, vemos a assertiva do autor quando diz que quando o artista pensa em uma lógica do corpo atrelado ao fazer artístico,

---

<sup>77</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 98

<sup>78</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 101

<sup>79</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 101

mesmo em contextos pandêmicos, não está isolado, seu corpo cria uma contato com o corpo-social, criando um corpo para si e para outro, por meio da arte. Ao compartilhar suas experiências artísticas por meio do corpo, o artista se insere de modo outro, no que Marcos chamou de *completude do corpo social*.<sup>80</sup>

Logo, emerge nesse sentido, uma obra que é autobiográfica (do artista da obra), mas o é biográfica (do público 103 que se vê na obra) e, de modo mais amplo ainda, é uma obra biogeográfica com abrangências sociais incalculáveis. Pois, artista, público e obra se veem uns nos outros já que a obra é o que cada um desses sujeitos biogeográficos vê-se na obra.<sup>81</sup>

Nesse sentido, compreendemos que o espaço biogeográfico em que o artista se constrói, está para a ordem da vida, na busca do eu e com o outro, realizando esse pacto autor/arte/obra/público, contudo, esse corpo pauta-se na diferença e nela realiza sua obra com muito mais afincamento e criticidade. O que Bessa-Oliveira nos mostra é que corpo biogeográfico não está isolado, mesmo em contextos de isolamento social em decorrência da pandemia, a criação de paisagens e de sensibilidades outras, se dá por meio do fazer comunal, o qual impede que fiquemos isolados em nossos fazer intelectuais. A criação dessas paisagens que emergem do corpo, na contramão da lógica moderna imperial, é acessível a todos os corpos/corpases não possui um modelo ideal, o artista se constrói em consonância com seu público, diferentemente da hegemonia europeia, no fazer descolonial não há únicos detentores dos saberes e das artes.

Assim, portanto chegamos a quarta parte do livro, a qual gira em torno das criações de fato realizadas em contextos da covid-19. Marcos nos apresenta que sua preocupação em torno da criação de paisagens biogeográficas permeia sua vida desde 2014 em seu trabalho, em seus escritos e produções artísticas. Vemos então neste capítulo a dimensão da esfera criativa do artista, ilustrada em fotos de suas aulas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, vemos fotos de intervenções artísticas, instalações e projetos delineados ao lado dos alunos. As imagens elencadas pelo autor funcionam perfeitamente enquanto criação da paisagem biogeográfica. Além de trazer seus próprios trabalhos para a discussão,

---

<sup>80</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 102

<sup>81</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 102-103.

o autor também contribui para a divulgação de outros artistas que estão produzindo arte em isolamento. Relacionando teatro, dança e escrita.<sup>82</sup>

É justamente nesta parte do livro que vemos o potencial político dos artistas, na esfera pública e sensível da produção de suas obras. A preocupação de Bessa-Oliveira em citar seus colegas de profissão denota mais uma vez que o fazer comunal do qual Mignolo falou, é uma das formas de se fazer teorização descolonial. Ao longo da leitura do texto, podemos observar que paisagens são criadas a todo o momento por quem se dispõe a re-existir neste desolador momento de nossas vidas. Atráves da leitura de seu texto, vemos que é possível fazer *poética de dentro de casa*<sup>83</sup>, como chamou Bessa-Oliveira. Sua obra vem para defender *de fio a pavio um trabalho processual criativo laboral-artístico-corporal de tudo que circunstancia a obra e a vida artísticas*.<sup>84</sup>

Bessa-Oliveira encerra seu livro na quinta parte intitulada “COVID-19 = CONVIDA = COM VIDA = COM CURA = CURA” de forma magistral, mostrando que apesar do desgoverno e da confusão de vozes negacionistas, a arte se constrói enquanto fazer político, os processos artísticos tratam de ressaltar as vidas da exterioridade. A arte ajuda a não sermos alienados, o artista escreve sua própria história, demarca seu lugar discurso e valora seu corpo, já que o estado não o faz. O artista nos diz que: *o corpo é a base de tudo – de todo pecado, da libido, do proibido, do processo – que sempre foi castigado e castrado para não produzir por meio dos seus próprios corpos/prazeres*.<sup>85</sup>

Tendo por base que o corpo é tudo o que literalmente nos move, devemos ir na contramão dos discursos negacionistas e prezar por nossas vidas que se encontram nessas fronteiras da arte. Nossa arte e nosso corpo contribuem para a manutenção da vida, da cura, nossa intelectualidade não nos deixa alienar e é em nossas diferenças que ganhamos. Ao final do livro aprendemos com Bessa-

---

<sup>82</sup> O autor cita os trabalhos de: Edgar Cézar Nolasco enquanto produção intelectual de artigos e livros. Realizados no âmbito do NECC (Núcleo de estudos culturais comparados). Cita também no campo dos trabalhos plásticos a dançarina Kelly Queiroz e as poesias de Vitória Pavan.

<sup>83</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 225

<sup>84</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 238

<sup>85</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 253

Oliveira que os processos artísticos se constroem não só enquanto desobediência, mas como pode de continuarmos existindo e ir na contramão do ceifador de corpos. Como pondera o artista: *É preciso, mais que nunca, uma consciência processual comprometida com a verdade que não domina, não aliena e menos ainda menospreza o outro em suas diferenças.*<sup>86</sup>

Quero encerrar está resenha corpo-política com a celebre indagação de outro grande intelectual: *Sua experiência de vida teve finalidade. A minha terá alguma?*<sup>87</sup>. Ao ler a obra de Bessa-Oliveira antevejo que nossas vidas têm e ainda terão muitas finalidades, faremos ressoar perante o coro dos contentes nossa opção de vida, nossa arte, as paisagens que nos circundam. Canibalizo em meu corpo as palavras do artista quando afirma que: *torço por um mundo em que impere a indiferença pelas/às diferenças para que as diferenças sejam o único projeto de universalização/globalização dos mundos. Portanto, um mundo com mais ARTECOMOVIDA*<sup>88</sup>. Re-existiremos para e com a arte, com vida, com cura e prezando pela nossa vida e pela vida dos nossos.

Por fim, a caminho das considerações encerramos de modo a demonstrar nosso agradecimento e respeito às leituras cuidadosas que fizemos dos três livros aqui resenhados, além de permitirmos delinear com nossos corpos fronteiriços de estudantes e pesquisadoras fronteiriças pelas obras. A partir dos três livros que ilustram as investigações e os pensamentos epistemológicos fronteiriço do professor teórico crítico da fronteira-sul Marcos Antônio Bessa-Oliveira – os livros compõem 1º *Educação, Tecnocolonialidade, Docência Remota & A Covid-19*; 2º *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*; 3º *Arte biogeográfica, processos criativos & a COVID-19* nas obras apresentadas Bessa-Oliveira lança seu próprio corpo para uma empreitada *ético-político*, respaldado por um pensamento descolonial seu estudo parte de saberes *outros*, que ultrapassam os saberes academicistas ainda (per)seguido pela ciências das humanidades. Ao partir de seu *bios* e do seu lócus geográfico Bessa-Oliveira propôs uma leitura investigativa a partir do corpo das sensibilidades - *biogeografica* para relatar uma realidade atual vividos por nós brasileiros como: a

---

<sup>86</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 260

<sup>87</sup> SANTIAGO. *Nó nós*, p. 173

<sup>88</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*, p. 263.

pandemia - vidas interrompidas pela COVID-19; a saúde; o isolamento social; a tecnologia na educação; com a mudança à docência remota; arte; cultura; política; instituições de ensino e outros atravessamentos pandêmicos.

## Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Educação, Tecnocolonialidade, Docência Remota & A Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Artevírus, arte de dentro de casa & a COVID-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Arte, Cultura, Educação, COVID-19 & o Pensamento Descolonial Crítico *Biogeográfico* Fronteiriço: por uma *Pedagogia/Filosofia da Libertação* de corpos, almas e fazeres culturais. In: *Revista Filos. E Educ.*, Campinas, SP, 2021 Acesso em: 29 abr.2021. (Texto no prelo).

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf).

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. In: *Revista brasileira de ciências sociais*. v. 32, n. 94. 2017.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica biográfica fronteiriça*. Campo Grande: UFMS, 2015. v.7. n.14. p. 55-76.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel Pedagogia do vírus*. Edições Almedina, S.A.,Coimbra, PT, Abril, 2020.

SES – Secretária de estado de Saúdede Mato Grosso do Sul, Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. *BOLETIM CORONAVÍRUS – MATO GROSSO DO SUL*, 14/03/2020 às 14H30. Disponível em <http://www.vs.saude.ms.gov.br/wp->

[conten/uploads/2020/03/BOLETIM-CORONA-11-14-03-20-14h57.pdf](#). Acesso em 20 Abr. 2020.

SANTIAGO, Silvano. Nó, nós. In: *Revista Electra*. n. 8. Porto: Fundação EDP, 2020, p. 164-173.

Artigo Recebido em: 16 de outubro 2020.

Artigo Aprovado em: 19 de dezembro de 2020.

